

CIDADE CENOGRÁFICA

Luminosidade explosiva, paisagem de poética árida e desenhos urbanos modernos atraem novos projetos de filmes e fazem Brasília virar "estrela de cinema"

JANGÉLICA TORRES
oão Batista de Andrade começou a rodar aqui em setembro o longa-metragem *O Cego Que Gritava Luz*, e Geraldo Moraes já tem pronto o projeto de *No Coração Dos Deuses* para iniciar filmagens em outubro entre Brasília, Goiás e Amazônia. No mês passado, Pedro Rovai começou a filmar na região circunvizinha *As Tranças de Maria*, com roteiro baseado em Cora Coralina. Afonso Brazza fez no Cine Coralina. Afonso Brazza fez no Cine Coralina. Afonso Brazza fez no Cine Coralina.

Recolhido em sua fazenda no Mato Grosso e há oito anos sem filmar (*O País dos Tenentes*, 1987, foi o último), o mineiro João Batista de Andrade elege Brasília para cenário de *O Cego Que Gritava Luz*. A trama envolve um conflito de terras no Paranoá, duas imobiliárias rivais e posseiros. Ou seja, é mais um filme de enfoque político do diretor de *O Homem Que Virou Suco e Doramundo*. O cineasta já veio algumas vezes a Brasília para definir locações. Dois pontos já estão acertados: o Clube do Congresso, à beira do Lago Norte, e a área desocupada em frente, onde há um matagal que dá visão para as mansões do Lago Norte. O filme vai custar US\$ 1.200.

Bandeirantes — Geraldo Moraes, que ajudou João Batista a definir as locações, escreveu uma aventura moderna que revive a apopéia dos Bandeirantes no século XVII para seu longa *No Coração Dos Deuses*. A partir de uma pesquisa dele e do historiador Paulo Bertrand, a trama se liga na história do Brasil, de olho no público juvenil. Até agora o elenco teria Othon Bastos no papel principal e Bruno Torres (filho de Geraldo) no personagem

Há um número respeitável de filmes que têm Brasília como cenário enquanto manancial de reflexões políticas e de ficções populares. Nelson Pereira bateu a primeira claquete com *Fala Brasília* (65). Glauber Rocha, João Batista de Andrade, André Klotzel, Tizuka Yamazaki, Cacá Diegues e André Luiz de Oliveira são alguns dos cineastas que integram a sua vasta filmografia, além dos pioneiros locais.

Não sendo centro financeiro, sem empreendedores de capital e, sobretudo, de sensibilidade cultural, aqui o cinema nasceu sob a proteção de instituições oficiais e continua à mercê de suas aten-

ções e promoções. Se o presidente Fernando Henrique acompanhasse a via-crucis de um filme em processo de confecção, ele jamais poderia paradiar a si próprio e dizer fagueiro: "Nunca pensei que fosse tão fácil fazer cinema no Brasil". Mas o Brasil não é cinema e nem governar é sinônimo de dirigir. Infelizmente para os cineastas.

No entanto, graças ao sagrado masoquismo e à santa demência da classe, o cinema dá seqüência à sua estética esfomeada. Em Brasília e redondezas dá sinais de convalescência e prepara novidades.

Divulgação

do garoto, um dos centrais do filme, orçado em US\$ 850 mil.

Com *As Tranças de Maria*, o cineasta paulista-carioca Pedro Rovai faz duas homenagens: à poetisa Cora Coralina e à sua infância vivida no interior paulista e que no filme é transportada para Goiás. Fascinado pela luz, pelos campos, pela gente simples e pelo sentido telúrico da região, Rovai filma em Pirenópolis e Goiás Velho, com roteiro finalizado pelo escritor goiano Carmo Bernardes, música de Guilherme Vaz pela Sinfônica de Goiás e pessoal técnico de Brasília e Goiânia. Patrícia França, no papel central, dá o peso feminino ao longa do diretor de *Ainda Agarro Esta Vizinha*, com orçamento de US\$ 800 mil.

Pancadaria — O cineasta do Gama, Afonso Brazza, precisa de US\$ 70 mil para tocar as filmagens de *No Eixo da Morte*, sexto desde Ed Wood brasileiro. Suspense e pancadaria são o tempero da trama que envolve um delegado e sua filha sequestrada pelo "Brazão", chefe milionário de uma gangue. A sequestrada é vivida pela mulher de Brazza, a atriz Claudete Joubert. "É minha primeira superprodução feita no Plano Piloto", conta Brazza, que acaba de receber convite do cineasta australiano Jefferson Cameron para um documentário sobre sua vida e obra. Cameron veio à Brasília no ano passado, viu *Inferno no Gama* e escreveu a Brazza dizendo que "adorou" e que guarda todas as reportagens que saem sobre ele.

Os alemães também puseram Brasília em foco. Uma equipe da Unesco filmou os principais monumentos e pontos turísticos da cidade para um documentário em 35 mm que será transformado em CD-Rom, como parte da enciclopédia visual *Maravilhas do Mundo*. Dirigido por Jene Duecker, o filme enfoca as cidades tombadas pelo Patrimônio Cultural da Humanidade. As tomadas feitas em Brasília foram encerradas este mês.

Ozualdo Candeia

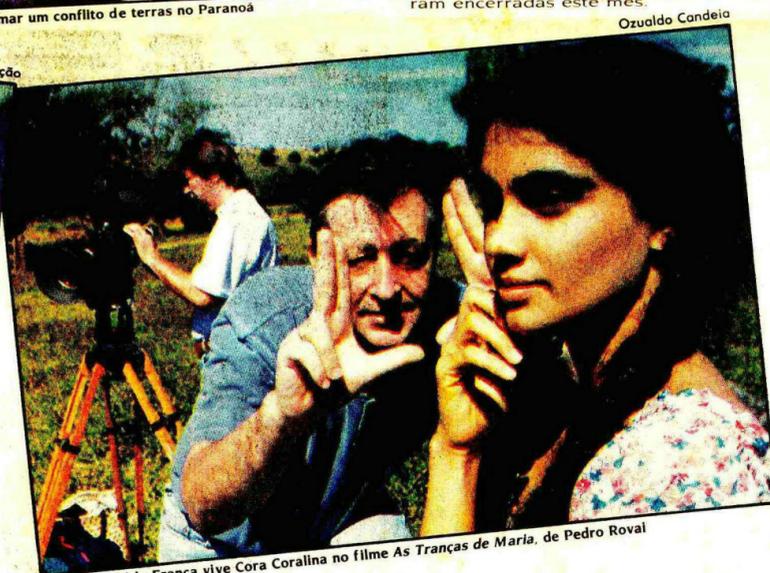


Imobiliárias em guerra: João Batista vai filmar um conflito de terras no Paranoá



Alan Marques

Divulgação



Patrícia França vive Cora Coralina no filme *As Tranças de Maria*, de Pedro Rovai

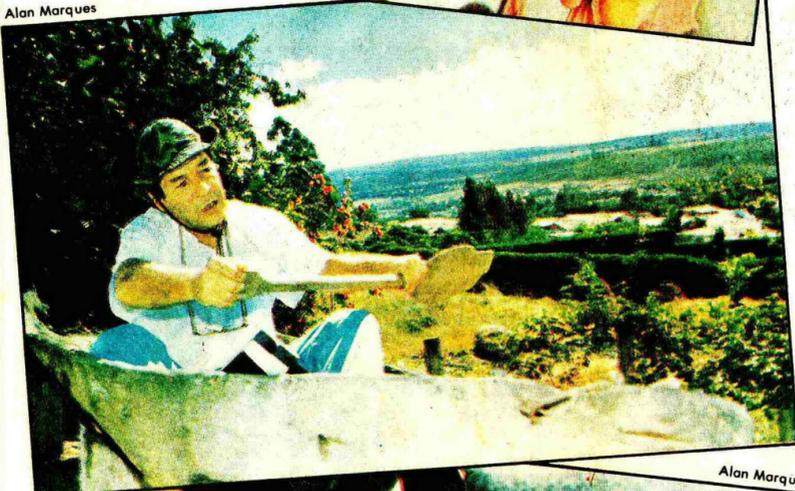
Pólo tem 110 mil reais para dois 'curtas'

O Pólo de Cinema e Vídeo descobriu um remanescente de recursos da última licitação realizada há dois anos, no valor de R\$ 110 mil, oriundo do BRB, que serão oferecidos à realização de dois curta-metragens em 35 mm, em edital a ser publicado esta semana. Além de R\$ 55 mil para cada projeto, o Pólo vai oferecer sala de montagem e estúdio para transcrição e mixagem do Centro Técnico de Audiovisual da Funarte-RJ.

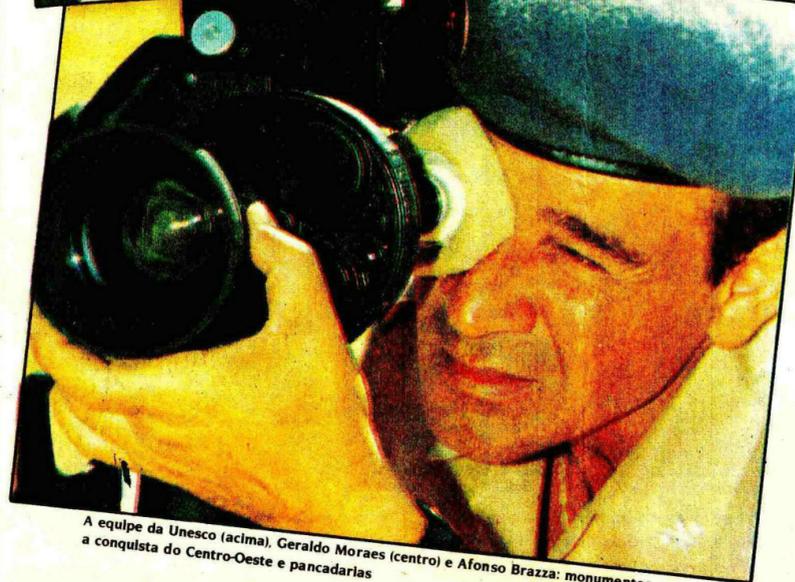
A informação é do secretário executivo do Pólo, Manoel Caldas, que anuncia também para esta semana uma reunião de decisões entre conselheiros do órgão e Cristovam Buarque.

Infantis — O governador será comunicado, entre outros assuntos, sobre o início da exibição de filmes infantis no Cine Brasília, em sessões matinais e vespertinas, aos sábados e domingos, para as escolas da rede pública. O programa será feito em coordenação com a Secretaria de Educação, mas começa já no próximo dia 17, ainda nas férias, portanto atende pedido do próprio governador.

Cristovam será informado também sobre a instalação da empresa locadora de cinema *Quanta* (de SP e RJ) no Pólo, trazendo tecnologia de ponta em iluminação e maquinário pesado. Segundo Manoel, será discutida a contrapartida às produtoras independentes brasileiras convidadas a se instalarem no Pólo. O projeto para conclusão da obra já está definido em uma área de 400 hectares. Falta o principal: verbas. (AT)



Alan Marques

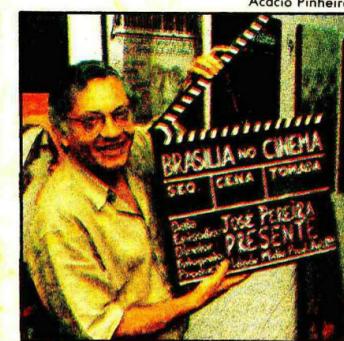


A equipe da Unesco (acima), Geraldo Moraes (centro) e Afonso Brazza: monumentos, a conquista do Centro-Oeste e pancadarias

Brasília na idade do cinema

O cinema namora Brasília desde o seu nascimento. Das imagens de seu esqueleto registradas por José e Sálvio Silva, Herbert Richers e Jean Manzon, ao seu contemporâneo mais ilustre, o Cinema Novo, no filme *A Idade da Terra*, de Glauber Rocha. Do primeiro curso do País, instalado na UnB por Paulo Emílio, Nelson Pereira e Jean Claude Bernadet, ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, onde foram premiadas 366 produções. De uma Central de Documentários, criada, também na UnB, por Vladimir Carvalho, às ficções locais pioneiras de Pedro Jorge e Geraldo Moraes. De investimentos a desmantelamentos governamentais, do Cinema Voador de José Damata ao Pólo de Cinema e Vídeo. Uma revolução de revoluções e contra-revoluções em luz rascante, que seduz e atrai olhares e lentes de todo o País.

Luzes — "A região como um todo sempre atraiu os cineastas. A luz é diferente, pulveriza os objetos, exige cuidados da fotografia. E não chove durante seis meses, o que é bom para as filmagens", ensina o documentarista por excelência Vladimir Carvalho. O capítulo "cinema" da história de Brasília ganha,



Acácio Pinheiro

Vladimir Carvalho: memória em casa

aliás, uma nova luz pelas mãos de Vladimir, agora em forma de semente de museu. No *Cinememória* (703 Sul — G — 73) ele conta toda essa história através dos objetos que guardou com paciência de posse para quem um dia a cidade de posse ter a sua merecida Cinemateca.

Um mapeamento informatizado, iniciado em 1982 sobre a trajetória do cinema brasileiro, com destaque para os festivais, também está à mão do público na seção *Vá e Veja* de Pesquisa Cinematográfica da Funarte/MinC, organizada por Berê Bahia. O sonho de Berê é poder publicá-lo em 1996, quando o Cinema Brasileiro comemora 100 anos. (AT)